

Por Que Devemos Lutar Contra o Comunismo

(Continuação do n.º 646)

Cel Art QEMA
FERDINANDO DE CARVALHO

O Que é o Comunismo?

Quando Marx morreu em 1883, eram inteiramente nebulosas as perspectivas de sua doutrina, um emaranhado de teorias socio-económicas mal conhecidas, sem que pudessem servir de base para qualquer sistema político. Marx foi um pensador permanentemente torturado pela visão de uma ordem de coisas que considerava iníqua. Na época em que viveram Marx e Engels, as condições precárias do trabalho nas indústrias, nas minas, nas plantações, a exploração desumana, o desprezo pela pessoa dos trabalhadores da cidade e do campo, encarados como verdadeiros escravos, tudo gerava naqueles pensadores a convicção de que o capitalismo teria que ser derrubado de qualquer forma e que sobre as suas cinzas havia de ser implantada uma nova ordem de redenção para os oprimidos e para os miseráveis.

O marxismo foi, antes de tudo, um grito de violenta revol-

ta contra o sombrio panorama que dominava aquele início da revolução industrial.

Impressionado e amargurado, Marx envenenou-se com aquelas anomalias. Não descobriu, porém, a solução apropriada, porque sugeriu-a sobre os fundamentos do ódio e da destruição.

O seu "Manifesto Comunista", redigido em 1847, serviu de incentivo para a Revolução de fevereiro de 1848, na França. Esse opúsculo faz uma análise histórica da situação europeia, desde a idade média, mostrando a evolução da burguesia, o surgimento do proletariado e a luta entre essas duas classes. Preconizava a união dos operários, a sua organização em partido político e pregava a revolução para a destruição da burguesia dominante. Atacava o regime de propriedade privada, a instituição de família, o casamento e o nacionalismo.

"Os operários não têm pátria, dizia ele. Não se lhes pode tirar aquilo que não possuem."

Concluía com uma peroração:

"Os comunistas não se rebalam a dissimular suas opiniões e seus fins. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder, a não ser suas cadeias. Têm um mundo a ganhar.

Proletários de todos os países, uni-vos".

Em 1859 Marx publicou o primeiro volume de sua obra de crítica econômica, que depois constituiu o livro denominado "O Capital." É um alentado e maciço estudo de economia política, hoje considerado uma das bases da ciência comunista. Nesse trabalho Marx lança a chamada lei da "mais-valia" que considera como a lei econômica fundamental do sistema capitalista, segundo a qual, pela exploração do trabalhador, o capitalista consegue obter lucros cada vez maiores.

Explica Marx que a lei da "mais-valia" é a base de todos os fenômenos da exploração humana, da competição industrial, da miséria das massas proletárias e do agravamento crescente das contradições do capitalismo.

O legado filosófico de Marx não tinha o poder de construção de qualquer sistema. Ele pregou a unidade de classe operária e a necessidade de que essa classe empolgasse o poder. Mas não sistematizou as formas, os modelos e a doutrina que asseguraram a

vitória da revolução comunista na Rússia e a sua expansão em escala universal. Foi realmente Lenine o principal criador da técnica revolucionária vermelha.

As expressões Leninismo e Marxismo-Leninismo apareceram após a morte de Lenine. Passaram a ser usadas para significar a interpretação leninista da teoria revolucionária de Marx sobre a derrubada do capitalismo e a evolução que essa doutrina sofreu, mesmo após o desaparecimento de seu criador.

Lenine estudou Marx profundamente e o citava, de modo frequente. Consagrou Marx como um verdadeiro profeta. Dizia:

"A doutrina de Marx é onipotente porque é verdadeira."

Em que consiste a teoria de Lenine?

Antes de defini-la, busquemos as verdadeiras finalidades do proselitismo internacional do comunismo.

O objetivo principal da propaganda de qualquer seita, religião ou partido é o de converter o maior número de pessoas, é o de formar o maior número possível de adeptos que acreditem em sua causa e defendam seus princípios. O comunismo é diferente. Sua propaganda não visa propriamente formar comunistas. Isto é outra tarefa, outra sorte de atividades: a educação comunista, reservada apenas a pessoal recrutado, selecionado e instruído em condições especiais.

A finalidade básica da propaganda comunista é a de criar

indivíduos tolerantes ou aquiescentes, pessoas que não reajam ou que não se importem em se associar a comunistas, elementos moralmente conformados em viver sob o regime da ditadura bolchevista. Esse é o sentido da doutrinação para as grandes massas.

Dois são as razões que levam os comunistas a essa orientação.

A primeira é que, como pensam eles, somente uma minoria está disposta a arrostar os sacrifícios impostos pela causa.

Stalin declarou na oração fúnebre a Lenine:

"Não é qualquer pessoa que pode aspirar ser membro de um partido assim. Porque não é qualquer um que suporta as agruras e as provocações inerentes a tal associação."

O outro motivo é que os comunistas não ignoram que o materialismo dialético e o materialismo histórico, engendrados por Marx e Engels, constituem o mais confuso conglomerado de idéias existentes na moderna filosofia e são por isso, pouco acessíveis à compreensão do homem comum. Ao associar a dialética de Hegel, que era um idealista, à teoria de Feuerbach, que era, pelo contrário, um materialista, Marx e Engels, através de uma alquímia intelectual onde predominavam ingredientes econômicos, tentaram unir duas doutrinas basicamente heterogêneas e adversas, obtendo assim um produto completamente desfigurado e estranho.

"Seria conveniente, diz Sir Percival Griffiths, em sua obra "As Transfigurações do Comunismo", que pudéssemos... definir o Comunismo em uma ou duas fases sucintas. Infelizmente, isso é impossível e qualquer tentativa de fazê-lo acarretaria o emprego daquelas frases incompreensíveis "materialismo dialético", "interpretação econômica da História", "mais-valia" — e outras, que tornam enfadonha e quase ilegível a maior parte dos livros dos autores comunistas".

Realmente a coisa mais difícil é explicar o inexplicável. Por isso os comunistas estão, em geral, muito mais interessados em denegrir a Democracia, apontando as suas debilidades ou as suas contradições, do que em esclarecer o público sobre os fundamentos reais de sua doutrina. Descambam, em geral, para a demagogia dos qualificativos exagerados que não encontram justificação nos fatos.

Lenine dizia:

"A doutrina de Marx é toda poderosa porque é exata. É completa e harmônica, dando aos homens uma concepção do mundo íntegra, intransigente com toda superstição, com toda a reação e com toda a defesa da opressão burguesa".

A perfectibilidade da doutrina marxista é um postulado de que todos os comunistas lançam mão, procurando torná-la em onipotente, indiscutível e infalível ideologia. Segundo pensam eles, nem Cristo, nem todos os profetas pronunciaram verdades tão

precisas quanto o velho Marx, o seu parceiro Engels e o inquieto revolucionário Vladimir Lenin.

A conversão de doutrina comunista em apriorística ideologia é, no entanto, a primeira prova de sua falta de resistência ao bom senso, ao racionalismo do pensamento esclarecido. Desta sorte, quando os seus propugnadores se aventuram a expôr o que é o Comunismo, procuram disfarçá-lo em cores as mais atraentes. Definem eles:

"O Comunismo é um sistema social sem classes, com uma forma de propriedade pública dos meios de produção e igualdade absoluta de todos os membros da sociedade; sob ele o desenvolvimento completo do povo será acompanhado pelo crescimento das forças produtoras, através do progresso contínuo na ciência e na tecnologia; todas as fontes de riqueza social jorrarão mais abundantemente e será realizado o grande princípio: "De cada um conforme sua capacidade e a cada um conforme suas necessidades". O Comunismo é uma sociedade altamente organizada de trabalhadores livres e conscientes, na qual a autogestão social será estabelecida, onde o trabalho para o bem da sociedade tornar-se-á uma exigência vital de cada um, uma necessidade reconhecida por todos, e a capacidade de cada pessoa será utilizada para o maior benefício do povo."

Propõe-se destarte, o Comunismo, a assegurar a felicidade

integral da sociedade humana pela extinção completa de todos os fatores de atritos e tensões coletivas, como sejam: os privilégios e desigualdades sociais, as classes, a propriedade privada, a riqueza individual e os meios estatais de compulsão legal. O Estado, considerado instrumento de imposição de classes dominantes, desaparecerá. O indivíduo atuará sob impulsos conscientes dirigidos por uma educação apurada. Não haverá razões para rivalidades ou ambições. Todos os homens trabalharão entusiasmados, produzindo o que puderem para que os outros homens tenham tudo o que necessitam. A lei da oferta e da procura será substituída por um planejamento econômico capaz de conciliar adequadamente todas as possibilidades e necessidades. A família individual será uma instituição em progressiva decadência. A religião não poderá subsistir face ao conceito essencialmente materialista da vida social. O amor libertar-se-á dos preconceitos e a conduta dos homens governar-se-á por meio de regras implantadas sob a inspiração do interesse coletivo.

Essa é a meta final. Esse é o quadro supremo que o Comunismo apresenta para atrair a ilusão dos incautos, o devaneio dos sonhadores e a ambição dos espertos.

Na realidade, não existe, nem existirá jamais, nada semelhante, em qualquer parte do mundo. O que encontramos, em todos os países socialistas, em "marcha para o Comunismo", são ditadu-

ras violentas e opressoras que negam a seus próprios povos os direitos essenciais da condição humana.

Os comunistas proclamam que attingirão a felicidade social, eliminando as bases tradicionais das instituições, cujo aperfeiçoamento balizaram, durante séculos, o progresso da civilização: a família individual, a religião, a propriedade privada, o Estado e a Democracia.

Engels realizou um elaborado estudo para demonstrar, à luz da evolução histórica, a tendência de modificação total dos conceitos de família, de propriedade privada e de Estado. Diz ele:

"Quando os meios de produção passarem a ser propriedade comum, a família individual deixará de ser a unidade econômica da sociedade. A economia doméstica converter-se-á em assunto social, como, igualmente, os cuidados com as crianças e a sua educação. A sociedade cuidará, com o mesmo empenho, de todos os filhos, sejam legítimos ou naturais. Desaparecerá assim, o temor das "conseqüências", que é hoje o mais importante motivo social — tanto do ponto-de-vista moral, como do ponto-de-vista econômico — que impede uma jovem solteira de se entregar livremente ao homem que ama."

Engels prevê o desaparecimento da indissolubilidade do matrimônio que julga ser um conceito exagerado pela religião.

O Estado é considerado, pelos teorizadores do Comunismo, como uma instituição destinada a conter os antagonismos das classes e a assegurar a hegemonia de uma classe privilegiada. Declara Engels em remate a uma análise profunda:

"O Estado não é pois, de modo algum, um poder que se impôs à sociedade de fora para dentro; tampouco é "a realidade da idéia moral" nem "a imagem e realidade da razão", como afirma Hegel. É antes um produto da sociedade quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento; é a confissão de que essa sociedade se enredou numa irremediável contradição com ela própria e está dividida por antagonismos irreconciliáveis que não consegue conjurar. Mas, para que esses antagonismos, essas classes com interesses econômicos colidentes não se devorem e não consumam a sociedade numa luta estéril, faz-se necessário um poder colocado aparentemente por cima da sociedade, chamado a amortecer o choque e mantê-lo dentro dos limites da "ordem". Este poder, nascido da sociedade, mas posto acima dela e dela se distanciando cada vez mais é o Estado".

Lenine reafirma cabalmente essa interpretação:

"O Estado é o produto e a manifestação do fato de que as contradições de classe são inconciliáveis. O Estado surge,

no momento e na medida em que, objetivamente, as contradições de classe não podem conciliar-se. E inversamente: a existência do Estado prova que as contradições de classe são inconciliáveis."

"Segundo Marx, o Estado é um organismo de dominação de classe, um organismo de opressão de uma classe por outra; é a criação de uma "ordem" que legaliza e fortalece esta opressão diminuindo o conflito das classes. Segundo a opinião dos políticos pequenos-burgueses, a ordem é precisamente a conciliação das classes, e não a opressão de uma classe por outra; moderar o conflito é conciliar e não retirar certos meios e processos de combate às classes oprimidas luta pela derrubada dos opressores."

A implantação do Comunismo exclui a existência do Estado que deve ser suprimido, conjuntamente com todas as instituições em que se apóia ou que engendre. Essa concepção é básica, uma vez que pretende o comunismo, eliminar a opressão de uma classe sobre outras, e só o Comunismo no dizer de Lenine, é capaz de fazê-lo:

"Enfim, somente o Comunismo torna o Estado absolutamente supérfluo, porque não há ninguém a reprimir, "ninguém" no sentido de classe no sentido de luta sistemática contra uma parte determinada da população."

A supressão do Estado que nos pode parecer uma aberração ou

utopia inatingível, é encarada pelos fundadores da doutrina como um fato indeclinável da evolução da sociedade humana, dentro de um racionalismo científico. Engels escreveu:

"Portanto, o Estado não tem existido eternamente. Houve sociedades que se organizaram sem ele, não tiveram a menor noção de Estado ou de seu poder. Ao chegar a certa fase de desenvolvimento económico, que estava necessariamente ligado à divisão da sociedade em classes, esta divisão tornou o Estado uma necessidade. Estamos agora nos aproximando, com rapidez, de uma fase de desenvolvimento da produção em que a existência dessas classes não apenas deixou de ser uma necessidade, mas até se converteu num obstáculo à produção mesma. As classes vão desaparecer e de maneira tão inevitável como no passado surgiram. Com o desaparecimento das classes, desaparece inevitavelmente o Estado. A sociedade reorganizando de forma nova a produção, na base de uma associação livre de produtores iguais, mandará toda a máquina do Estado para o lugar que lhe há de corresponder; ao museu das antiguidades, ao lado da roda de flar e do machado de bronze."

Com o desaparecimento do Estado, os comunistas imaginam que serão extintas as forças de imposição legal denominadas burguesas. As Forças Armadas serão constituídas de milícias po-

pulares, sem grande expressão. Essa metamorfose impressionante da sociedade é concebida, pelos teóricos do Comunismo, através de estágios intermediários, nos quais as instituições atuais serão devidamente aproveitadas no que propiciarem essa transformação. Mas, o que consideram como essencial e indispensável para esse objetivo é a derrubada e o aniquilamento da classe burguesa, através da mobilização do proletariado e a conquista do poder por essa nova força. São de Lenine os seguintes excertos:

"O Estado é a organização especial de um poder; é a organização da violência destinada a esmagar uma certa classe. Qual é então a classe que o proletariado deve esmagar? Evidentemente apenas as classes dos exploradores, quer dizer a burguesia. Os trabalhadores só têm necessidade do Estado para reprimir a resistência dos exploradores: ora, somente o proletariado pode dirigir esta repressão, realizá-la praticamente, enquanto única classe revolucionária até o fim, única classe capaz de unir todos os trabalhadores e todos os exploradores na luta contra a burguesia, a fim de expulsá-la totalmente do poder."

"O domínio da burguesia só pode ser derrubado pelo proletariado, classe distinta cujas condições econômicas de existência preparam para esta derrubada, e à qual elas oferecem a possibilidade e a força de realizá-la. Enquanto a burguesia fraciona e dissemina o

campesinato e todas as camadas pequeno-burguesas, ela agrupa, une e organiza o proletariado."

O domínio da burguesia pelo proletariado caracteriza, por conseguinte, uma etapa fundamental da marcha para o Comunismo. Então, para eliminar as classes, os comunistas prevêem a conquista do poder por uma dessas classes que passaria a eliminar as demais, até sua extinção completa. Segundo Lenine, só o proletariado, numeroso e descontente, poderia empreender essa obra. O proletariado deve, por conseguinte, empolgar à força do Estado e estabelecer-se em uma ditadura, capaz de eliminar a burguesia e depois o que resta do Estado, em uma autofagia impressionante. Escreve ainda Lenine:

"A burguesia não pode ser derrubada se o proletariado não se transforma em classe dominante capaz de reprimir a resistência inevitável, desesperada, da burguesia, e de organizar todas as massas trabalhadoras e exploradas para um novo regime econômico."

"O proletariado tem necessidade do poder do Estado, de uma organização centralizada da força, de uma organização da violência, tanto para reprimir a resistência de todos os exploradores como para dirigir a grande massa da população — campesinato, pequena burguesia semiproletários — na "instalação" da economia socialista."

Lenine considera a ditadura do proletariado como a essência da dinâmica da transmutação social:

"A passagem do Capitalismo ao Comunismo não pode evidentemente deixar de fornecer uma grande abundância e diversidade de formas políticas, mas sua essência será necessariamente uma só: a ditadura do proletariado."

O papel e a ação dessa ditadura para a eliminação do Estado tem aspectos verdadeiramente chocantes, mas, segundo Marx: "A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações tradicionais da propriedade; nada de estranho, portanto, que no curso de seu desenvolvimento, rompa, de modo mais radical, com as idéias tradicionais." E, logo a seguir, descreve Marx em seu "Manifesto Comunista":

"O proletariado utilizará sua supremacia política para arrancar pouco a pouco todo capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado em classe dominante, e para aumentar, o mais rapidamente possível, o total das forças produtivas."

"Isto naturalmente só poderá realizar-se, a princípio por uma violação despótica do direito de propriedade e das relações de produção burguesas, isto é, pela aplicação de medidas que, do ponto-de-vista econômico, parecerão insuficientes e insustentáveis, mas que no desenrolar

do movimento ultrapassarão a si mesmas e serão indispensáveis para transformar radicalmente todo o modo de produção."

Para exercer em plenitude a sua ação ditatorial, o proletariado, segundo Lenine, deverá liquidar as duas instituições mais características do Estado burguês: a burocracia e o exército permanente.

"A burocracia e o exército permanente são "parasitas" sobre o corpo da sociedade burguesa, parasitas engendrados pelas contradições internas que dilaceram esta sociedade, mas exatamente parasitas que "tapam" seus poros vitais."

O direito vigente terá que ser aproveitado parcialmente. É uma imposição da fase transitória da eliminação da burguesia. Lenine esclarece esse ponto em vários trechos:

"Assim, na primeira fase da sociedade comunista (habitualmente chamada socialismo), o "direito burguês" é abolido, não completamente, mas somente em parte, somente na medida em que a revolução econômica foi feita, isto é, no que diz respeito apenas aos meios de produção. O "direito burguês" reconhece sua propriedade aos indivíduos. O socialismo faz deles propriedade comum. É nesta medida que o "direito burguês" foi abolido."

"Isto é um "inconveniente", diz Marx; mas é inevitável na primeira fase do comunismo, porque não se pode, sem cair

na utopia, pensar que depois de liquidar o Capitalismo os homens aprendem ao mesmo tempo a trabalhar para a sociedade sem normas jurídicas de qualquer espécie; ademais, a abolição do Capitalismo não fornece de uma só vez as premissas econômicas para uma tal transformação."

"Em sua primeira fase, em seu primeiro grau, o Comunismo ainda não pode, do ponto de vista econômico, estar completamente maduro, completamente livre das tradições ou dos vestígios do Capitalismo. Daí este fenômeno interessante que é a manutenção do "horizonte estreito do direito burguês" no regime comunista em sua primeira fase. Naturalmente, o direito burguês, no que diz respeito à repartição dos objetos de consumo, supõe necessariamente um Estado burguês, porque o direito nada é sem um aparelho capaz de constranger a observação de suas regras do direito."

Todavia, conservando as normas jurídicas indispensáveis, estabelecendo uma ditadura baseada na força do proletariado, a sociedade comunista não se desfaz imediatamente do "Estado burguês", dele se aproveitando para submeter todas as classes a um processo de dissolução intransigente. Lenine confessa-o claramente:

"Segue-se que sob o Comunismo, subsiste, durante um certo tempo, não somente o direito burguês, como também o Estado burguês — sem burguesia."

Temos aí, então, o retrato do sistema comunista: uma ditadura violenta e destruidora. Não interessa ao comunismo a conciliação das classes, através de um equilíbrio racional de direitos e deveres. Interessa a destruição das classes sob a tutela da classe que se diz mais revolucionária e oprimida e que se vingaria assim, de maneira cabal e irrecorrível. Não interessa ao Comunismo o aperfeiçoamento das relações sociais para que os homens possam desfrutar integralmente dos direitos oferecidos por uma Democracia plena. Interessa tornar os indivíduos submissos a um regime férreo sob o qual todos teriam a "liberdade" de trabalhar.

A democracia das nações livres é considerada como essencial aos objetivos comunistas porque as liberdades individuais e coletivas que assegura, facilitam as manobras destinadas à implantação do Comunismo. Mas apenas para isso é utilizada. Lenine escreve:

"A Democracia tem uma importância considerável na luta que a classe operária trava contra os capitalistas para sua libertação. Mas a Democracia não é de forma alguma um limite que não se poderia ultrapassar; ela não passa de uma etapa no caminho que leva do Feudalismo ao Capitalismo e do Capitalismo ao Comunismo."

Após o estabelecimento do Comunismo, a Democracia será extinta como desnecessária. O motivo e o processo dessa eliminação foi descrito por Lenine:

"A Democracia é uma forma de Estado, uma de suas varie-

dades. É, portanto, como todo Estado, a aplicação organizada, sistemática de coerção aos homens. Isto, por um lado; mas, por outro lado, ela significa o reconhecimento oficial da igualdade entre os cidadãos, do direito igual para todos de determinar a forma do Estado e de administrá-lo. Segue-se, pois, que, a um certo grau do seu desenvolvimento a Democracia de início une o proletariado, à classe revolucionária anticapitalista, e lhe permite quebrar, reduzir a migalhas, fazer desaparecer da face da terra a máquina estatal burguesa, seja burguesia republicana, exército permanente, polícia, burocracia, e... substituí-la por uma máquina estatal mais democrática (... mas que nem por isso deixa de ser uma máquina do Estado), sob a forma das massas operárias armadas e depois por todo o povo, participando maciçamente das milícias."

"Aqui "a quantidade se transforma em qualidade": chegado este grau, o democratismo sai do marco da sociedade burguesa, e começa a evoluir para o socialismo. Se todos participam de fato da gestão do Estado, o Capitalismo não se pode mais manter. O desenvolvimento do Capitalismo cria, por sua vez, todas as condições necessárias para que "todos" possam participar na gestão do Estado. Estas condições são, entre outras, a instrução geral já realizada por vários países capitalistas mais avançados, depois a "educação e a formação na disciplina" de milhões de operários pe-

lo aparelho socializado, imenso e complexo que são os correios, as estradas de ferro, as grandes usinas e o grande comércio, os bancos, etc."

"Com tais condições económicas, pode-se, depois de ter liquidado os capitalistas e os funcionários, substituí-los imediatamente, da noite para o dia, no que concerne ao controle da produção e da repartição no que concerne ao registro do trabalho e dos produtos pelos operários armados, por todo o povo armado."

"Quanto mais a Democracia é completa, tanto mais se aproxima o momento em que ela se torna supérflua. Quanto mais democrático é o "Estado" constituído pelos operários armados o que "não é mais um Estado no sentido próprio do termo", e tanto mais depressa começa a desaparecer todo o Estado."

Os conceitos de Pátria e de Nação serão transmutados pela sociedade comunista. Embora sejam as nações líderes do mundo comunista impregnadas de um espírito imperialista indissolúvel, os doutrinadores dessa ideologia procuram incutir nas demais nações, hipocritamente, a idéia de que, diante da irmandade proletária, o conceito nacionalista perde a sua razão de ser. Marx declarou em seu "Manifesto":

"Os operários não têm pátria. Não se lhes pode tirar aquilo que não possuem. Como, porém, o proletariado tem por objetivo conquistar o poder político e erigir-se em classes di-

rigentes da Nação, torna-se ele mesmo a Nação, ele é, nessa medida, nacional, embora de nenhum modo no sentido burguês da palavra.

As demarcações e os antagonismos nacionais entre os povos desaparecem cada vez mais com o desenvolvimento da burguesia, com a liberdade do comércio e o mercado mundial, com a uniformidade da produção industrial e as condições de existência que lhes correspondem.

A supremacia do proletariado fará com que tais demarcações e antagonismos desapareçam ainda mais depressa. A ação comum do proletariado, pelo menos nos países civilizados, é uma das primeiras condições para a sua emancipação."

Embora alardeiem os comunistas uma falsa disposição para o confronto entre o que oferecem e o que podem proporcionar os demais sistemas sociais, a realidade é a de que as bases da transformação radical que preconizam não lhes permitem a coexistência com tais sistemas. Dessa maneira, uma das condições essenciais da sobrevivência do comunismo seria a sua implantação em uma escala mundial que não proporcionasse aos indivíduos o conhecimento da existência, nem o direito de escolha de outra forma de vida social.

Como se explica, então, o conceito de "coexistência pacífica", engendrado justamente pelos comunistas e por eles apregoados

como uma oferta de paz generosa e condescendente? O que existe por detrás desta proposta aparentemente bem intencionada?

A doutrina da "coexistência pacífica", lançada por Krushchev, é um artifício destinado a ludibriar a boa fé das nações democráticas. Baseia-se na presunção de que o comunismo pode ser implantado através de processos pacíficos. Ao invés de "coexistência pacífica", mais apropriadamente dever-se-ia denominar "conquista pacífica".

Lenine havia declarado, entretanto, que a guerra entre o capitalismo e o comunismo era inevitável. Dizia textualmente:

"Não estamos vivendo num Estado simplesmente, mas num sistema de Estados; e é inconcebível que a República Soviética continue a existir por muito tempo, lado a lado com os imperialistas. No final, um ou outro será vencedor. Entrementes, um grande número de terríveis embates entre a República Soviética e os Estados burgueses será inevitável."

Stalin disse no VI Congresso da Internacional Comunista:

"A União Soviética não tem ilusão quanto à possibilidade de uma paz duradoura... Guerras de ditadura proletária contra o capitalismo mundial são inevitáveis e revolucionárias..."

O próprio Krushev confessa as razões táticas do princípio adotado:

"Nos países onde o capitalismo ainda é poderoso e tem à sua disposição uma enorme máquina militar e policial, as forças reacionárias oferecerão, naturalmente, séria resistência. Nesses países, a transição para o socialismo será acompanhada por uma aguda e revolucionária luta de classes..."

"O Leninismo nos ensina que as classes dominantes não abrirão mão do seu poder voluntariamente. E o maior ou menor grau de intensidade que a luta possa assumir, o uso ou não-uso da violência na transição para o socialismo, depende da resistência dos exploradores..."

Realmente Lenine havia dito:

"A necessidade de inculcar sistematicamente nas massas esta idéia — e precisamente esta — da revolução violenta, está na base de toda a doutrina de Marx e Engels."

"Sem revolução violenta, é impossível substituir o Estado burguês pelo Estado proletário. A supressão do Estado proletário, quer dizer, a supressão total do Estado, só é possível pela via da "extinção".

"Marx e Engels desenvolveram estes pontos de vista de uma maneira detalhada e concreta, estudando cada situação revolucionária isoladamente, analisando os ensinamentos tirados da experiência de cada revolução. Chegamos a essa

parte incontestavelmente a mais importante de sua doutrina."

O Manifesto emitido a 6 de dezembro de 1960, pelos dirigentes comunistas mundiais, reunidos em Moscou, declara:

"A coexistência pacífica dos Estados não implica em renúncia à luta de classes. A coexistência de Estados de diferentes sistemas sociais é uma forma de luta entre o socialismo e o capitalismo."

"Em condições de coexistência pacífica, são criadas oportunidades favoráveis para o desenvolvimento de lutas de classes nos países capitalistas e no movimento de libertação nacional dos povos dos países coloniais dependentes..."

"A coexistência pacífica de povos de diferentes sistemas sociais não significa conciliação das ideologias socialista e burguesa. Pelo contrário, implica na intensificação da luta da classe trabalhadora de todos os partidos comunistas pelo triunfo das idéias socialistas."

Observa-se, destarte, que os comunistas, ao apregoarem a doutrina da "Coexistência pacífica", não colocam em discussão o ponto da expansão do comunismo em todo o mundo; apenas se propõem a conquistar esse objetivo pacificamente, caso não haja reações a essa atitude...

A realidade dos fatos, as intenções ocultas por detrás da fachada enganosa da ação co-

munista, os artifícios sutis de um propósito expansionista e imperialista, toda essa trama enfim de conceitos e preconceitos, em que se apóia esse movimento internacional, criaram a necessidade de se definir, de modo claro e insofismável, o que é precisamente o comunismo. Aparecem assim definições como as seguintes:

“O comunismo (marxismo-leninismo) é a ideologia revolucionária e materialista, usada por seus adeptos, a fim de justificar seus esforços para aproximar-se do poder por todo e qualquer meio, com o fito de estabelecer à força uma ordem social totalitária universal.”

“O comunismo é “um movimento integrado, centralizado, de âmbito mundial, baseado na ideologia Marxista-Leninista, impelido pela máquina do Partido Comunista supranacional, insuflado pelos auxiliares do Partido, dominado e dirigido pela hierarquia governante do Partido Comunista e pelo Governo ditatorial da

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.”

“O comunismo é um sistema de poder totalitário no qual uma casta burocrática e privilegiada, reunindo pela primeira vez no mundo moderno todos os instrumentos do poder nas mesmas mãos, possui ao mesmo tempo, os meios de produção e de troca e todos os meios de enquadramento político e cultural dos quais se serve ditatorialmente.”

Todas essas definições, como as apresentadas pelos partidários do movimento comunista, encerram as falhas de uma visão unilateral de um problema que deve ser compreendido em sua verdadeira expressão. Sem dúvida, é necessário perscrutar o conglomerado de idéias que caracterizam a sua filosofia, analisar a história de sua construção como uma doutrina teórica e como uma interpretação objetiva, sentir o significado dessa ideologia em relação aos anseios individuais e coletivos da sociedade moderna. Para defini-lo é preciso, antes de tudo, compreendê-lo.

